

## O ENSINO COLABORATIVO COMO ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO\*

**Michele Pereira de Souza da Fonseca**

*michelepsf22@gmail.com*

**Tatianne Filgueira da Nóbrega**

*nobrega.tatianne@gmail.com*

**Tatianna Mattos Pereira do Nascimento**

*tatiimattos@gmail.com*

**Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)**

### RESUMO

O objetivo desse resumo é apresentar a percepção dos professores participantes do projeto de extensão considerando o ensino colaborativo como estratégia pedagógica de inclusão. O projeto retrata o trabalho coletivo entre professores da rede regular de ensino e estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física. Os professores apresentam suas inseguranças, porém reconhecem a contribuição da extensão, possibilitando diálogos e trocas para proporcionar uma ação inclusiva.

### PALAVRAS-CHAVE

*Educação Física; Inclusão; Ensino Colaborativo*

## INTRODUÇÃO

Considerando o esforço coletivo para a promoção da inclusão, o ensino colaborativo tem se apresentado como um caminho possível na construção de estratégias que favoreçam um processo de ensino-aprendizagem que valorize e respeite as diferenças na escola.



\* O presente trabalho contou com apoio financeiro: Bolsa de Extensão PROFAEX



O Projeto de Extensão Educação Física escolar na perspectiva inclusiva, vinculado à Escola de Educação Física e Desportos (EEFD), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tem desenvolvido suas ações dessa maneira, em parceria com docentes da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro lotados na Escola Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes, situada no bairro da Ilhado Governador, zona norte do Rio de Janeiro. Este projeto é uma ação desenvolvida pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Inclusão e Diferenças na Educação Física Escolar (LEPIDEFE) da EEFD/UFRJ e tem como objetivo proporcionar ações mais inclusivas nas aulas de Educação Física, buscando ampliar a participação efetiva de todos e minimizar exclusões de toda ordem.

Os desafios sobre o ensino colaborativo na Educação Física (EF) escolar e a perspectiva inclusiva, ratificando o papel da extensão universitária no currículo, seu potencial na construção da identidade docente e da transformação social são pontos cruciais desse trabalho. Dessa forma, o objetivo é apresentar a percepção de docentes participantes do citado projeto de extensão considerando o ensino colaborativo como estratégia pedagógica de inclusão.

As ações do projeto de Extensão em tela são embasadas por um conceito de inclusão entendido como um processo dialético, amplo, infundável, dinâmico e complexo (SAWAIA, 2014; BOOTH E AINSCOW, 2012), que preocupa-se com grupos sociais que tem seus direitos diariamente violados, seja por cor, credo, classe social, idade, estrutura familiar, gênero, orientação sexual, deficiência, dentre outras questões.

Esta inquietação é uma grande motivação para efetivação do projeto, posto que a EF é marcada historicamente pela ênfase nas práticas tecnicistas, esportivizantes, no rendimento e na alta performance, o que pode gerar exclusões (FONSECA 2009; SILVA, 2008). Assim, nos afastamos de uma concepção de EF que prioriza o ato motor como um único fim, propondo a desconstrução com um olhar mais inclusivo às ações desenvolvidas nas aulas.

Contemporaneamente, a literatura no campo da Educação Especial tem apresentado experiências nomeadas como ensino colaborativo, coensino e bidocência com o intuito de apoiar e fortalecer a educação de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação no ensino comum. Estudos recentes (VILARONGA E MENDES, 2014; BRAUN E MARIN, 2016), apontam estas possibilidades para viabilizar a efetivação do Atendimento Educacional Especializado, indicando o trabalho colaborativo entre dois professores: o regente e um especialista em educação especial. Contudo, a proposta neste resumo trata do trabalho coletivo e em parceria entre professores regentes e licenciandos em EF. Desta forma, nos apoiamos na proposta de ensino colaborativo em que:

[...] todos os envolvidos no processo educacional compartilham as decisões tomadas e são responsáveis pela qualidade das ações efetivadas. Desse modo, não há uma sobreposição ou uma hierarquia entre a atuação de cada professor e sim relações que intentam "atingir objetivos comuns negociados pelo coletivo" a partir da "liderança compartilhada, confiança mútua e corresponsabilidade pela condução das ações" (DAMIANI, 2008, p. 214).

Além disso, o foco prioritário não é somente a inclusão de estudantes público alvo da educação especial e sim, de todos os estudantes da turma, considerando suas singularidades e necessidades específicas.

## **METODOLOGIA**

Apoiamo-nos na pesquisa-ação, pois oportuniza o diálogo entre professores e pesquisadores em envolvimento de ajuda mútua para as ações estabelecidas (THIOLLENT, 2011). O público alvo abrange 300 alunos da Escola Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes, que cursam o Ensino Fundamental, do 6º ano 9º ano. Nove estudantes extensionistas atuam em parceria com 3 professores de EF da escola em todas as aulas, 4 dias por semana. Além disso, há reuniões semanais com os estudantes e a coordenadora do Projeto e reuniões mensais incluindo também os professores da escola.



## O OLHAR DOS DOCENTES

Ressaltaremos o trabalho coletivo entre licenciandos edocentes e a diversificação de conteúdos como pontos de análise desse resumo. Se por um lado, constatamos como a Extensão pode impactar diretamente na construção da identidade profissional de professores em formação, por outro lado, essa troca também resulta numa reaproximação com a literatura e novas práticas pedagógicas de professores já inseridos no campo profissional, o que potencializa o ensino colaborativo.

Essas meninas caíram como uma luva pra mim. Imagina eu, 18 anos de magistério e calejada já de muita coisa, encontrar com essas garotas cheias de vontade e de gás pra fazer uma educação física diferente. Elas chegam pra mim com o que a literatura e novas teorias propõem, e eu retribuo com a minha experiência prática dentro da nossa realidade e assim vamos trocando e dialogando pra chegarmos num objetivo comum à todos (Prof 1)

Entender as subjetividades e os significados deste discurso é importante, pois evidencia elementos emergentes da prática docente que não são contemplados durante os anos de graduação. Quando a professora retrata um certo distanciamento entre a teoria e a prática, nos revela que embora novas práticas e perspectivas sobre a EF escolar estejam em voga, na escola real essas teorias podem sucumbir com os diversos entraves do fazer pedagógico. Embora esta constatação possa parecer desanimadora, a relação proativa entre professores em formação e professores já formados minimiza essa lacuna, alinhado à diretriz extensionista interação dialógica e ao ensino colaborativo promovendo, em ambos os casos, a participação ativa de todos.

Elas chegaram na escola praticamente junto comigo. Eu tinha acabado de tomar posse no município e me sentia muito insegura de tomar decisões sozinha, de não me respeitarem, essas coisas. Ter elas ali me seguiu muito no começo porque a gente dividia todas as tensões (Prof 2)

Este discurso traz à tona a solidão do professor enquanto único ator do processo de ensino-aprendizagem e mais uma vez, vemos como esta parceria é profícua. As estratégias colaborativas se materializam no cotidiano do projeto, pois trabalhamos em conjunto desde o planejamento, passando por toda execução das aulas e avaliação de todo o processo, compartilhando assim, todas as angústias e desafios do processo pedagógico construído coletivamente e não mais solitário.

Como parte das estratégias pedagógicas para ações inclusivas, utilizamos a diversificação de conteúdos da EF, considerando os elementos da cultura corporal. Fonseca e Ramos (2017) apontam esse como caminho para a participação ativa de todos estudantes nas aulas, pois, quanto mais possibilidades ofertadas, maior a identificação com os conteúdos. Neste sentido, a diversificação se mostra como um importante pilar deste projeto de extensão, pois entende que a dialética inclusão/exclusão está diretamente ligada ao sentimento de pertencimento de cada estudante naquele espaço. Aquele que não se identifica com esportes com bola, ou com as modalidades do atletismo, por exemplo, podem se aproximar de algum conteúdo da dança ou da luta e vice-versa, experimentando vivências corporais que nunca tinham tido anteriormente.

Ao propor na reunião de planejamento anual conteúdos como Jogos de rebater (ping-pong, peteca, badminton, Z-ball e frescoball), Atletismo (arremesso de peso, salto em altura, lançamento de dardo e corridas), Lutas (*Huka-Huka* (luta indígena), capoeira, boxe, judô e esgrima) e Dança (funk, forró, cirandas e ritmos diversos), os professores demonstraram medo e insegurança, o que gradualmente foi sendo desconstruído ao longo do ano letivo. Em conjunto, foi decidido que os conteúdos que os professores não se sentissem seguros para ministrar, as extensionistas teriam o protagonismo.

Eu sou meio turrão em aplicar conteúdos que não conheço, principalmente pela integridade física dos meus alunos, mas também entendo que se eu não me abrir pra isto, são eles que estarão perdendo, então vamos lá! (Prof 3)



Eu confesso que no início fiquei com muito medo do bloco de lutas. Todos estes anos eu privei meus alunos destes conteúdos, acho que foi a hora de sair da minha zona de conforto. Me vi saindo do meu pedestal de professora pra aprender com essas meninas. Por algum momento, eu fui aluna junto com meus alunos. E depois percebi que eu sou super capaz de dar uma aula de judô, de boxe e de Huka-Huka, que eu nunca nem tinha ouvido falar (Prof 1)

A formação deve ser constante e atenta as demandas contemporâneas. Um médico que se forma na década de 1970, provavelmente não teve em sua formação inicial uma preocupação com relação a arboviroses como a *Chikungunya* e *Zika*, fruto de um novo estado da sociedade nesse tempo presente. Certamente com essa necessidade atual, ele não fica preso somente ao que aprendeu na sua formação inicial, pois entende que a dinamicidade dos acontecimentos o impulsiona a novos momentos formativos. Assim é o professor. Não há espaço para justificar o descaso com qualquer demanda atual com o discurso: “não aprendi isso na faculdade”. Médicos que não se atualizam, matam pessoas. Professores, simbolicamente, também.

Além disso, como aponta Fonseca (2014), é necessário desconstruir o círculo vicioso excludente na ação/formação docente, alimentado pela ênfase de rendimento técnico e esportivante na EF tanto nas escolas quanto nas universidades, problematizando e refletindo sobre possibilidades mais inclusivas nesses espaços.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar a percepção das professoras participantes do projeto de extensão, considerando o ensino colaborativo como estratégia pedagógica de inclusão, fica evidente a contribuição que a extensão exerce enquanto ponte de ligação entre a universidade e escola, impactando na construção da identidade docente e dos estudantes. Um ponto fundamental é que, ao contrário de estudos recentes sobre ensino colaborativo, não foi necessária a presença de um profissional especialista para que estratégias inclusivas fossem adotadas, mas sim a parceria de estudantes e professores para viabilizar uma educação pública, gratuita e democrática com vistas a diminuir os fenômenos da desigualdade social.

## COLLABORATIVE TEACHING AS A STRATEGY OF INCLUSION

### ABSTRACT

The aim is to present the perception of the teachers participating in the extension project considering collaborative teaching as a pedagogical strategy of inclusion. The project presents the collective work between teachers and students of Physical Education. Teachers present their insecurities, but recognize the contribution of extension, enabling dialogues and exchanges to provide inclusion.

**KEYWORDS:** *Physical Education; Inclusion; Collaborative Teaching.*

## LA ENSEÑANZA COLABORATIVA COMO ESTRATEGIA DE INCLUSIÓN

### RESUMEN

El objetivo de este resumen es presentar la percepción de los profesores participantes del proyecto de extensión considerando la enseñanza colaborativa como estrategia pedagógica de inclusión. El proyecto retrata el trabajo colectivo entre profesores y estudiantes en Educación Física. Los profesores presentan sus inseguridades, pero reconocen la contribución de la extensión, posibilitando diálogos e intercambios para proporcionar inclusión.

**PALABRAS CLAVES:** *Educación Física; Inclusión; Enseñanza Colaborativa.*



## REFERÊNCIAS

- BOOTH, T; AINSCOW, M. *Index para a Inclusão*. Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola. Produzido pelo LaPEADE, 2012
- BRAUN, P; MARIN, M. Ensino colaborativo: uma possibilidade do Atendimento Educacional Especializado. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 193-215, set./dez. 2016
- DAMIANI, M. Entendendo o ensino colaborativo em educação e revendo seus benefícios. *Revista Educar*. Curitiba: EdUFPR, n31, 2008, p.213-230
- FONSECA, M. *Inclusão: Culturas, políticas e práticas de inclusão na formação de professores de Educação Física da UFRJ*. Dissertação (Mestrado em Educação). UFRJ, Rio de Janeiro, 2009
- FONSECA, M. *Formação de professores de Educação Física e seus desdobramentos na perspectiva dos processos de inclusão/exclusão: reflexões sobre Brasil e Portugal*. Tese de Doutorado. UFRJ, Rio de Janeiro, 2014
- FONSECA, M; RAMOS, M. *Inclusão em movimento: discutindo a diversidade nas aulas de Educação Física Escolar*. In: PONTES JUNIOR, J (org.). *Conhecimentos do professor de Educação Física Escolar*. Fortaleza- CE: edUECE, 2017
- SAWAIA, B (Org.) *As artimanhas da Exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2014
- SILVA, K. *Criatividade e inclusão na formação de professores: Representações e Práticas Sociais*. Tese de Doutorado: UFRJ, 2008
- THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. 18.ed. São Paulo: Cortez, 2011
- VILARONGA, C. A. R.; MENDES, E. G. Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores. *Rev. bras. Estud. pedagog. (online)*, Brasília, v. 95, n. 239, p. 139-151, jan./abr. 2014

